

VIAGEM PRESIDENCIAL

O sr. dr. Sidonio Paes, ilustre presidente da Republica, á varanda do Grande Hotel Faraense, em Faro, recebe comovido as aclamações entusiasticas do povo (Cliché Benoliel).

II SERIE—N.º 628

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$45 ctv. Semestre, 2\$90 ctv.—Ano, 5\$80 ctv.

Numero avulso, 12 centavos
Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal
O SECULO

Lisboa, 4 de Março de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor—José Joubert Chaves
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

PERFUMARIA DA MODA

5, Rua do Carmo, 7

Opinião da illustre atriz Ex.^{ma} Sr.^a D. Etelvina Serra sobre o nosso Crème de Rosas:

Qual Secção

Experimentei alguns dos mais famosos cremes estrangeiros e nenhum me satisfez por completo. O meu "Crème de Rosas", realisa o meu ideal.

Boião: 500 réis

Para a provincia mais 140 réis

TELEPHONE C 1715

Etelvina Serra



Trabalhos tipograficos em todos os generos
FAZEM-SE NAS OFFICINAS DA
"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 LISBOA

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

GRANDE SORTIMENTO de Perfumarias
DOS PRINCIPAES AUTORES
PERFUMARIA PARIS
ESPECIALIDADES em ESTOJOS PARA BRINDES
LISBOA: 58-R. DOS RETOZEIROS-58

Um Bello Dia de Caça

e uma sacola cheia é a recompensação para quem usar os

Cartuchos de Polvora sem Fumaça "NITRO CLUB" e "ARROW"

Forrados A Prova d'Água com Aço

Feitos nos Calibres 8, 10, 12, 16, 20, 24 e 28. A vedna por todos os principaes commerciantes em todas as partes.

Enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co. Woolworth Bldg., Nova York, E. U. A. do N

Todos os cartuchos "Nitro Club" e "Arrow" são forrados com esta banda de aço interiormente a qual offerece maior resistencia donde mais se precisa dando grande força penetradora ao disparo.



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lamrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespa.hol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28000 e 58000 réis

No Alemtejo e no Algarve



Não se apagam tão cedo os ecos da visita do sr. Sidonio Paes ao Alemtejo e ao Algarve, cujos povos lhe testemunharam uma simpatia e veneração como ha muito não tributam a outro chefe do estado. A's terras, que visitou o illustre Presidente da Republica, acudiram os habitantes de outras muito distantes com indescriivel alvoroço de conhecer o homem que surgia ao paiz inteiro como uma promessa de ordem, de socego e de trabalho tão desejada. Viram-se, depois



EM SILVES : — O sr. dr. Sidonio Paes, acompanhado do presidente da Camara Municipal e mais autoridades locais, saindo do edificio da Camara.

2. Um aspéto da chegada do sr. Presidente da Republica a Silves



de muitos anos de retraimento, inumeras pessoas de todas as categorias sociaes e de todos os matizes politicos confundiram-se em brados unisonos de aclamação ao chefe do estado.

Em o nosso numero passado já não pudémos meter os aspétos mais caracteristicos d'essa visita tirados pelo fotografo da *Ilustração Portuguesa* que acompanhou o sr. dr. Sidonio Paes; publicamos hoje, não só pela oportunidade e interesse que ainda conservam, mas tambem pelo valor da documentação que eles representam.



EM FARO:—O sr. dr. Sidonio Paes, saindo da Escola de Marinheiros.



2. A' PORTA DO GRANDE HOTEL FARAENSE:—O sr. presidente da Republica e alguns dos membros da comissão de recepção. — 2. EM EVORA:—O illustre chefe do Estado dirigindo-se para a Camara Municipal, passando por um dos edificios particulares que ostentaram as mais ricas colchas.



EM OLHÃO; — O sr. dr. Sidonio Paes dirigindo se á Camara Municipal, ecompanhaço das autoridades e dos representantes de todas as classes.



EM OLHÃO; — A multidão aguardando a passagem do illustre presidente da Republica



O sr. presidente da Republica saindo do sanatorio do pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em construção em S. Braz d'Alportel.



O cortejo presidencial saindo da vila de S. Braz d'Alportel, onde o sr. dr. Sidonio Paes foi entusiasticamente recebido.



Chegada do sr. presidente da Republica a Vila Nova de Portimão,
onde foi calorosamente saudado.



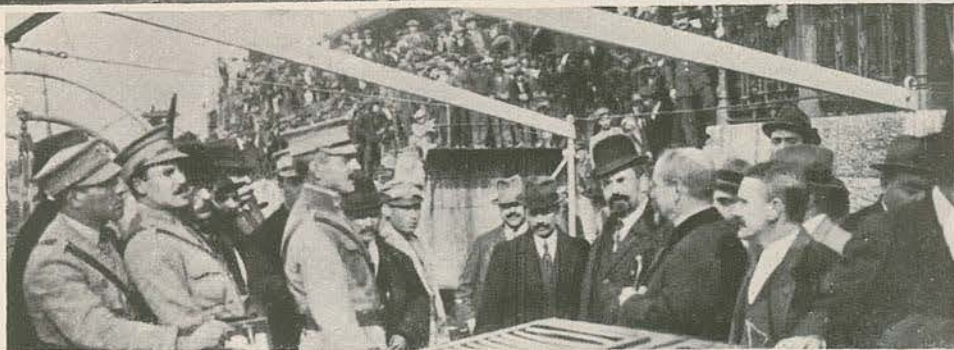
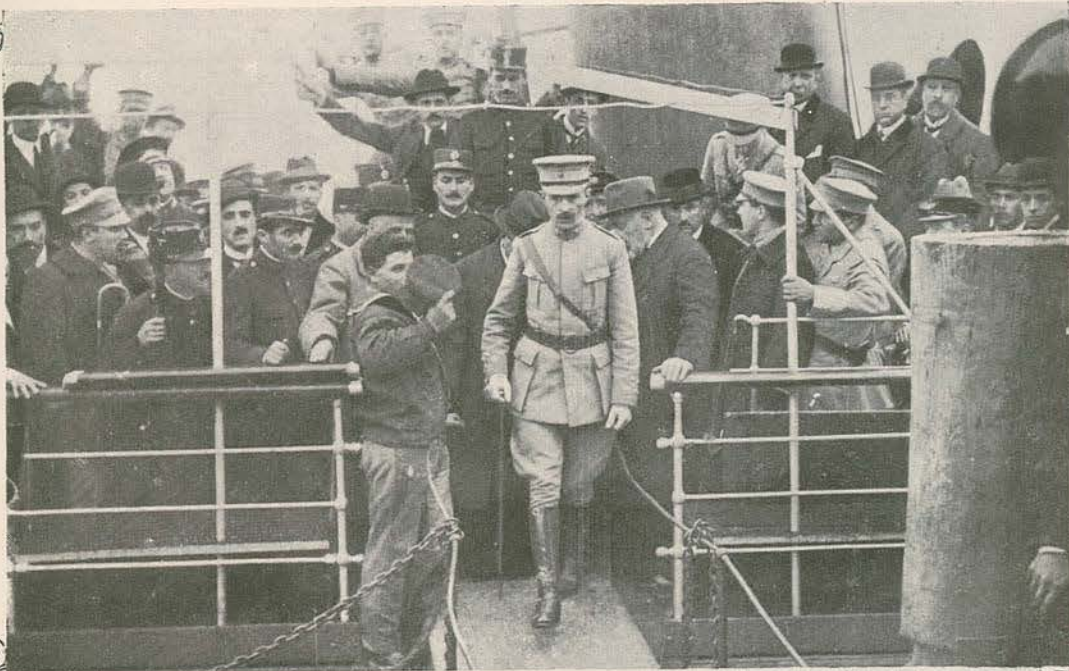
EM FARO :— D'uma das janelas do Grande Hotel Farense, inaugurado no dia da visita presidencial, o sr. dr.
Sidonio Paes fala ao povo, que o aclama entusiasticamente.



EM BEJA : — O cortejo presidencial dirigindo-se para o Município



EM BEJA : — Chegada do sr. dr. Sidonio Paes á Camara Municipal. O ilustre presidente da Republica agradecendo as manifestações que lhe são dispensadas pelo povo bejense.



1. O sr. dr. Sidonio Paes desembarcando na ponte do Terreiro do Paço.—2. A bordo do vapor que conduziu a Lisboa o sr. presidente da Republica, na ocasião em que se despedia dos jornalistas que o acompanhavam. Por detraz do chefe de Estado o alferes sr. Forbes Bessa, governador civil de Lisboa, e o capitão sr. Eurico Cameira, que tambem acompanhou o sr. dr. Sidonio Paes na sua viagem triunfal. No caes a multidão aclamando o illustre recém-chegado.—3. Na ponte da estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste do Terreiro do Paço. Um aspêto da recepção.—(Clichés Benoliel).

Aviadores Portuguezes



Sr. Ulisses Alves, alferes de cavalaria e piloto aviador que se encontra n'uma escola de aperfeiçoamento em França.

O corpo d'avição portugueza conta já, a pouco tempo da sua instituição, um consideravel numero de excelentes pilotos. Legítimos descendentes dos arrojadados portuguezes que, na epoca de maior esplendor de Portugal, assombraram o mundo com os seus feitos valorosos, os officiaes mais moços e intrepidos dos nossos exercitos de terra e mar dedicam-se entusiasticamente á aviação. Alguns d'eles, que n'um curto espaço de tempo se adaptaram vantajosamente a esta nova arma de guerra — a mais scientifica e arriscada — teem, nas escolas de aperfeiçoamento em França por onde passaram rapidos, e nas linhas de combate dado evidentes provas de uma pericia e coragem que os nossos aliados admiram e merecidamente elogiam.

No grupo de antigos alunos e instrutores da escola d'avição de Vila Nova da Rainha que reproduzimos, encontram-se alguns — a quem a *Ilustração Portugueza* já

teve ocasião de prestar sentida homenagem — que, arrebatados violentamente pela morte, legaram á Patria uma lista de brilhantes cometimentos que ela desvanecida e piedosamente registará.



INSTRUTORES E ALUNOS DA ESCOLA DE AERONAUTICA MILITAR.—Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: tenente de infantaria Antonio Cunha Almeida, piloto aviador, alferes de infantaria Pinheiro Corrêa, observador da esquadilha a Moçambique; 2.º tenente Antonio Caseiro, instrutor, morto por ocasião do movimento revolucionário no dia 7 de Dezembro do ano passado; 1.º tenente Cabral Sacadura, instrutor; e tenente de cavalaria Francisco d'Aragão, instrutor. De pé, os pilotos aviadores, srs.: 2.º tenente Azeredo Vasconcelos, alferes Eduardo Gonçalves; alferes de engenharia, Castro Silva; tenente de infantaria, Olimpio Chaves; tenente de infantaria, Duval Portugal; alferes de infantaria, Pereira Gomes; alferes de engenharia, Sarmiento Beires; tenente de engenharia, João Almeida Melças; tenente de infantaria, Luiz Cunha Almeida; tenente de cavalaria, João Luiz de Moura; alferes de cavalaria, Jorge Gorgulho, vítima d'um desastre no norte de Moçambique, tenente de artilharia, Correia de Matos, e o alferes de cavalaria, Paiva Simões. Na janela, os srs.: capitão de metralhadoras José Ramires; tenente medico, Almeida Ribeiro Saraiva, autor do presente clichê, e o tenente de cavalaria, Guimarães.



Saida corovante do feretro do pequenito Lucien Lapie, vitima do *raid* dos barbaros sobre Paris. O pae, regressando das trincheiras, encontra os filhos mortos, a esposa gravemente ferida e o seu lar destruido.

(Cliché de J. Clair-Guyot, de «L'Illustration»).

QUANDO, ha anos já, os primeiros *taubes* e os primeiros *Zeppelins* aqui vieram, houve quem os acolhesse com o ceticismo, a ironia, a *insouciance* que caracterisam em grande parte este

bom e amavel povo de Paris. Durante algum tempo, á «hora do *taube* a multidão ia para as praças e para os logares altos admirar no espaço as evoluções dos alemães. Inventaram-

se versos para acompanhar o som alegre da berloque. Os *froussards* que se metiam nas suas *caves* eram troçados sem piedade. E nas *boîtes* de Montmartre, e nos *music-halls* do *boulevard*, os cançonistas tiveram por muito tempo um têmea excelente para as suas canções.

N'esse tempo, os cronistas adotaram um *cliché* de bravata, implacável para os raros que tremiam, desafiando através do espaço as fúrias alemãs. Esse *cliché* alguns quiseram agora desenterrá-lo dos arquivos das suas folhas. Mas eu creio que esses mesmos puderam verificar que ele

perdera de moda e não correspondia já de nenhum modo aos sentimentos de Paris. Porque, frívolo embora, nas horas em que é possível sê-lo, Paris recusa-se a sorrir diante de cinquenta cadáveres, de centenas de feridos e de tantas ruínas, que tal foi a obra trágica dos barbaros na noite da sua última incursão.

Pouco a pouco, o inimigo foi aperfeiçoando as suas máquinas de matar. Os seus *Gothas* são infinitamente mais terríveis que os seus *taubes* e os seus *Zeppelins*. Eles podem vir em grupos, em esquadrilhas de combate, a despeito de todas as defezas, despejar toneladas de explosivos sobre cidades adormecidas. A contemplação d'alguns destroços que eles fiseram em Paris na noite d' 30 é impressionante. N'uma grande avenida, n'um prédio moderno, os tres andares superiores desapareceram. N'um outro bairro distante, uma bomba atravessando a *cage* d'um ascensor veio estalar perto do solo, e, de toda a casa, apenas ficaram intactos os muros.

Os *Gothas* voltarão ainda. A ameaça é muito grave e os parisienses teem a

consciencia do perigo. Mas como se enganam os alemães se imaginam obrigá-los pelo terror a reclamar a paz! Seja qual possa ser o seu destino na luta em que a França inteira hoje se empenha, Paris aceita-o d'antemão corajosamente, sem vacilar. A fanfarronada não é precisa ao verdadeiro heroísmo. Ha tres dias, quando eles vieram, eu saía d'uma estação do metropolitano, não longe da minha casa, no momento em que se ouviu, ao longe, o grito da *sereia* que precedeu apenas alguns minutos as primeiras bombas e os primeiros tiros de canhão. Deante de mim caminhavam um homem e uma mulher. Junto d'uma porta separaram-se; ela ia entrar.

—Até amanhã, á mesma hora, não é verdade?—disse ele.

—Até amanhã—respondeu a rapariga—se esta noite nenhum de nós morrer...

Ela disse isso simplesmente, sem *pose*. Disse-o porque o pensava, porque o sentia. Era uma d'essas *petite femmes* que representam aos olhos do estrangeiro a sedução e a frivolidade de Paris. Regressava talvez d'um cinema ou d'um teatro. No dia seguinte,

tendo ainda d'esta vez escapado á morte, ela levantou-se por certo ás 11 horas, ao meio-dia deu a ultima demão de *rouge* sobre os labios, e ás 2 foi vêr *trapos chez sa couturière* para passar o tempo até á hora do chá.

E assim se vive, e assim se morre, minha sen-

hora, n'este ano de graça de 1898, n'esta linda cidade de Paris.

Fevereiro 1918.

Paulo Osorio.



Tres vítimas das bombas alemãs: Marcelle e Lucien Lapie, mortos, e sua mãe Madame Louis Lapie, gravemente mutilada.

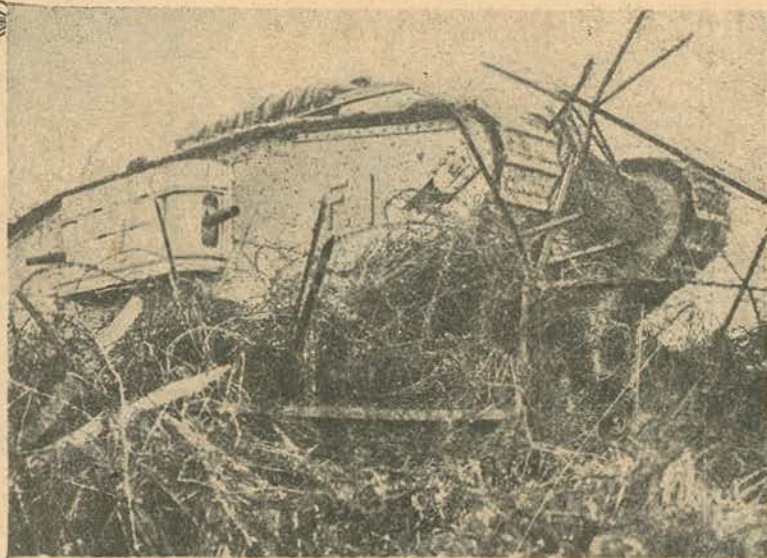


Rafael Matis, uma corajosa creança também ferida.

(Clichés de «L'Illustration»).

Os "tanks" nas linhas de combate

E' incalculavel o terror que se espalha nas trincheiras alemãs após a aparição dos formidaveis engenhos de guerra que, com grande successo, o exercito britânico está empregando



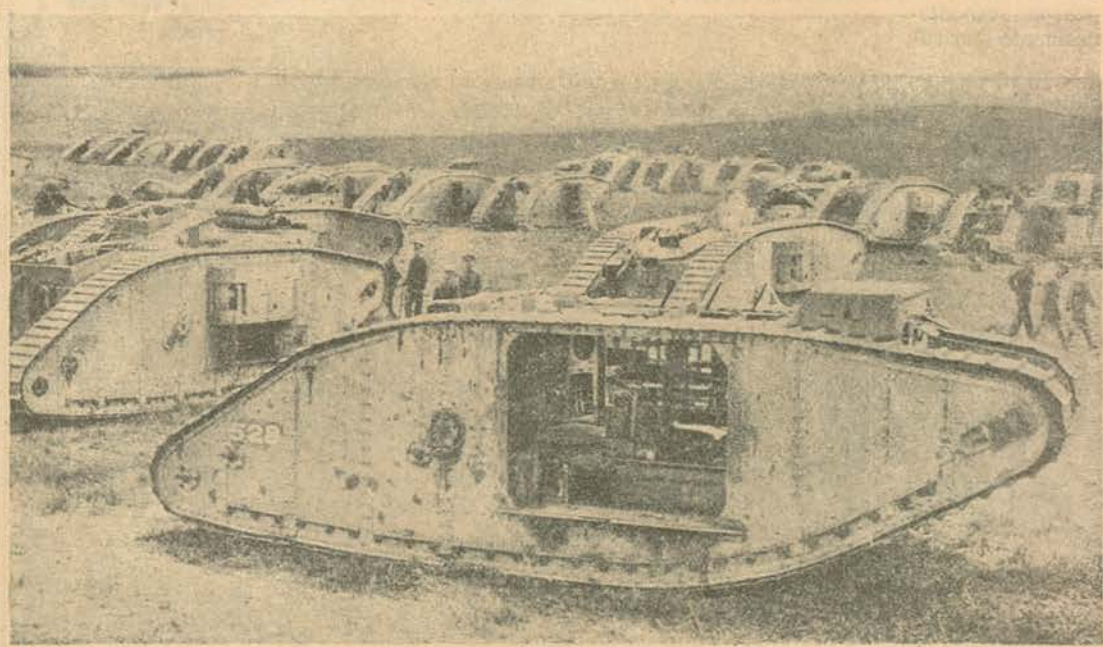
NA FRENTE DE CAMBRAI:—Um tank britânico dirigindo-se ás linhas alemãs, derrubando as defezas de arame farpado.

na sua frente. O brilhante exito que, em todas as ações, os nossos aliados tem alcançado, é devido, sem a menor duvida, á cooperação eficaz dos tanks que, vencendo os maiores obstaculos e destruindo as mais vigorosas defezas d'arame farpado, conseguem chegar ás linhas inimigas, disseminando n'elas a metralha, apesar do intenso canhoneio de que são alvos e

quillamento teutorico, no que estão já contribuindo com grande vantagem— e lhes embrou as baterias d'elefantes do contingente de Hyderabad, não foi menor que o pavor causado aos soldados alemães que os assemelham aos monstros anti-diluvianos. Bastantes tentativas tem feito o estado maior alemão para obter ao tank outro instrumento mais poderoso, nada conseguindo até- hoje.

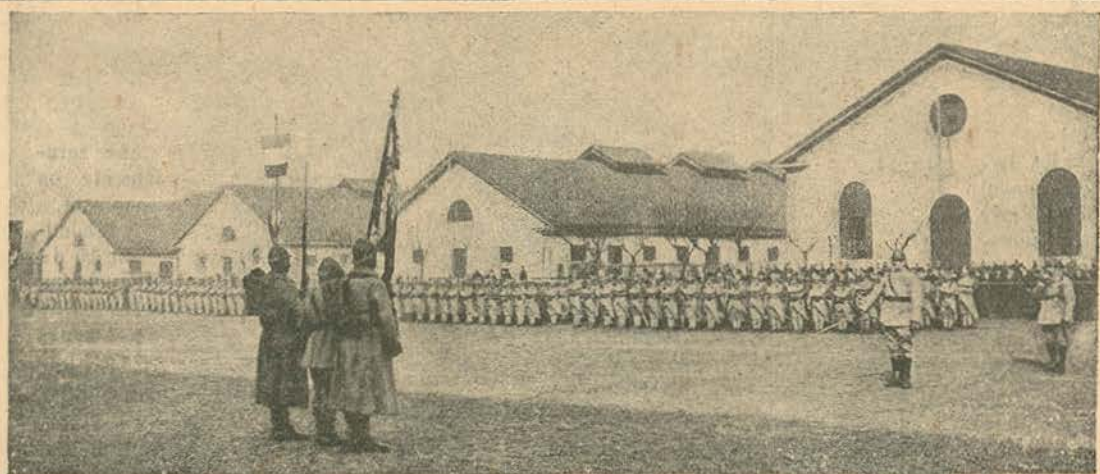
que raramente os molesta.

A admiração de que foram tomadas as tropas indianas que pela primeira vez viram estes grandiosos aparelhos, que decerto são os precursores do ani-



NA FRENTE DE CAMBRAI:—Um aspecto do parque dos tanks momentos antes d'estes sahirem para um raid ás linhas inimigas.

Os francezes na frente italiana



Um regimento de infantaria franceza saudando a bandeira italiana

São inumeras as provas com que a Italia testemunha eloquentemente a sua admiração pelos valentes soldados francezes que cooeram com o exercito italiano. De resto essas manifestações de simpatia são justificadissimas. As tropas que a França dispensou espontaneamente em au-



A cerimonia do agraciamento do general Angelotti com a comenda da Legião d'Honra.

xilio da Italia, e que tão brilhantemente estão contribuindo para desagraval-a da afronta teutonica, são das mais experimentadas e das que alcançam na patria um logar de grande destaque pela sua valentia, patenteada em tantas e energicas ações e que mais uma vez está á prova.



MILANO:—O general italiano Angelotti passando revista ás tropas francezas

(Clichés da secção fotografica do exercito italiano).

A Escola na Aldeia



Pelas aldeias as crianças vão esperar a professora e acompanhá-la à escola. Bela lição para os alunos afafinhas.

mo o sorriso amoroso da paisagem, vai, decerto, mostrar-se-nos, então, como a esperança ridente d'um feliz futuro da nossa Pátria.

*
*
*

Esvoaça lentamente pelo espaço o salmo bendito das badaladas d'uma ermida além...

E' meio dia. Do céu sem nuvens, azul, muito azul, desce á Terra a carícia confortante dos beijos da luz do Sol, beijos creadores de energias e de seivas, que em breve hão-de fazer florir as leivas humedecidas pelas ultimas chuvas.

Uma a'elua chilreante de frescas e sadias vozes intantís, vindas do terraço da escola, parece denunciar um intervalo nos trabalhos escolares.

Em breve emudeceu a tagarelice dos alunos e a voz da professora elevou-se forte e absorvente, interrogando uma classe de cinquenta crianças:

— «Já viram a bandeira nacional?...»

Esta pergunta, tão simples, pareceu ás crianças o enleio d'uma esfinge. A resposta afigurou-se-nos de sibilina interpretação, tanto tardou á nossa curiosidade ouvir uns labios que a soubessem acarinhar n'um grito de alma, n'um grito instintivo de amor patrio, com o vozear unissono da palavra «sim».

E a professora repetia:

— «Já viram a bandeira portugueza, a bandeira da nossa Pátria?...»

A resposta tardia, glacial, dolorosa, foi:

— «Não. Nunca a vimos».

Pareceu-nos um dobre de finados, o murmúrio plangente d'aquela adverbio «nunca» pronunciado pela boca fresca e perfumada de tantas crianças.

MEIO escondidas na orla de caminhos ondeados de sebes, sempre cheias de gorgeios, as casas de escola na aldeia parecem saídar o viandante, atraindo-lhe o olhar como se toda a Terra em volta de nós se estrelasse de luz e de sonho.

A's vezes, vistas de longe, agachadas na clareira d'um pinhal, lembram-mo a aza branca d'uma pomba, avivando com o sorriso da sua alvura a mancha assombreada da paisagem de inverno.

Passando junto d'uma escola na aldeia, quem não detem o passo? Olhemos uma: Ramos de salgueiro em flor, troncos vigorosos de pinheiro e o spraiado enleante de esgalhos de madressilva circundam-na, serpenteiam-na n'um abraço de amor. O ciciar de ramos, de

quando em quando batidos pelo vento, perpassa por sobre toda a escola como a abençoá-la, semelhando o murmúrio religioso d'uma oração!...

Apetece transpôr a soleira da porta, e demorar-nos ali uns momentos.

Rente, a dois passos, irmanando-se com a escola no mesmo concerto de necessidades sociaes depara-se-nos uma fonte.

Olhae-a. Nem um ténue fio de agua gorgoleja de sua bica de cobre, muito areadinho, luzente como ouro. E o inverno corre...

A fonte assim, entristeceu-nos, e pensamos: quando as creanças d'esta escola tiverem sede, onde irão beber?...

N'esse instante, esquecimo-nos, por completo, que a nossa legislação de ensino primario é deveras previdente; nas normas higienicas, a que devem ob decer os novos edificios escolares, determina que todos sejam abastecidos de agua potavel.

Abençoei a nossa legislação, visto recomendar a pratica da sublime obra de misericórdia: dar de beber...

* Tranquilizámo-nos, e mais animadamente nos deliciou o desejo de vêr as crianças a dar lição.

A escola, olhada de fora como



Uma escola acessível só aos que usam sapatos do senado.



Documentamos este caso com um «instantâneo» reproduzindo o momento em que a professor mostra a seus alunos a bandeira portuguesa, que eles, então, vêm pela primeira vez!

Dir-nos-hão que o facto se passou em aldeia remota, nos confins agrestes d'uma serra, a muitas léguas de distancia d'alguma cidade populosa, onde as leis d'uma sociedade moderna não podem vestir de flores as moitas e os valados, nem fazer frutificar em atos de verdadeiro amor cívico os decretos emanados dos Paços da Republica e do Congresso Nacional...

* * *

No convívio com a escola da aldeia outros factos se nos deparam que verdadeiramente nos entristecem.

Não é preciso, muitas vezes, entrar na sala de aula. Basta, de fóra, vigiar pelas janelas, e logo nos com-
penetramos de que a nossa legislação primaria é um delicioso romance de moiras encantadas.

A falta de material escolar e didatico nota-se sempre na maioria das escolas. N'algumas, para haver uns toscos bancos e uma ardózia, preciso se torna que os alunos e o professor se cotizem para os adquirirem.

A's vezes impossivel é abeirar-nos das escolas!

Vêm-se atoladas em lameiro e agua, durante dias a fio, só accessíveis á entrada dos que usam sapatos do senado! Não pudemos resistir á tentação de impressionar uma chapa com uma d'essas escolas.

Creio que por esse país fóra os inspetores teem de requisitar uma companhia de sapadores para lhes abrirem caminho nas suas visitas de inspecção.

Não queremos dar conselhos, mas parece-nos que um dos factos que solucionariam o problema do analfabetismo, nas povoações ruraes, era a construção de estradas e caminhos que permitissem a frequencia escolar.

A lei só prevê a estirpação d'esse escalracho com as escolas moveis e meia duzia de artigos, impossiveis de aplicar na pratica, sôbre a obrigatoriedade de ensino.

O que se nota por essas aldeias é que o povo gosta que seus filhos vão á escola, e a creança deseja aprender. Uma das cenas da escola de aldeia que devéras me interessou é a dos alunos esperarem pelo caminho sua professora e acompanharem-na á escola.

Que bela lição para alunos alfacinhas!

Dez minutos depois de sairem da aula, já eles se vêm, entre silvas e tojos, na lide dos diversos trabalhos agricolas.

O que dizemos não exclui o caso do estudante de aldeia faltar á escola.

A' beira d'uma levada, refletindo pinheiros e tojos, foi a nossa objetiva surpreender um geitoso par gosa. Jo o enievo d'uma gazeta. Não nos esquece um caso característico dos nossos costumes aldeãos, que bem prova existir arreigado no povo o seu atual desejo de saber lér e escrever.

Era n'uma manhã de inverno, mas formosa e morna como a de um dia de primavera. A terra reverdecia depois das ultimas chuvas, n'um aneio de se ver assombreada por folhas novas, de se ver coberta de flores e rescender perfumes.

Todo o campo, unguido n'uma benção de luz, apenas tem como sombra a nódoa escura projetada por uma ermida que se ergue no espaço a dominar a aldeia.

Da ermida vem reboando pelo ar o tanger festivo d'umas badaladas. Aproximámo-nos. O povo enche o templo e estende-se pelo adro ajoelhado, em oração.

E' a hora da missa.

No transcorrer do acto, houve uns momentos em que o sacerdote, velhinho já, dizia na sua voz trémula e doce:

— Fulano de tal perdeu uns tamancos nos Carvalhaes... Cicrana de tal achou um guarda chuva na feira da nossa terra... etc., etc.; — e o povo sorriu de satisfação ao ouvir-lhe: — e mais vos participo que se vae abrir a escola de tal, no dia tantos...

Sim! O povo sorriu, e logo correu e enfeitar a sua primeira escola, com palmas, arbustos, madressilvas e flores, juntando de loiro e verdura os caminhos de toda a aldeia!...

N'esse dia o povo fez isto.



O povo da aldeia á hora da missa.



Entre silvas e tojos: dez minutos depois de saír da escola.



Só em 1918, crianças portuguesas, vêm pela primeira vez a bandeira nacional que lhes é mostrada pela sua professora.

O governo, a descentralização que fizeram?

Apenas, sob repetidos esforços do inspetor, concederam licença — este é o termo — para que a aldeia tivesse uma escola! ... E a fonte, de que já falamos, continua seca... e o edifício escolar não possui água...

* * *

Nem a centralização, nem a descentralização, a nosso vêr, se mostram aptas a remediar os males da escola.

Preparemos, pois, outro ideal!

A instrução d'um povo, dentro d'um paiz, deve constituir um organismo autónomo, livre, independente, nunca suggestionado pela politica, nem acionado por ministros e vereadores.



A gazeta na aldeia. Amor incipiente.



O povo enfeita a sua primeira escola, juncando de verdura toda a aldeia.

Ministros de Instrução! Vossas consciencias sentir-se-hiam decerto horrorisadas se descesseis ao vale e ao campo, se subissem os alcantães de serras e atravessasseis varzeas e rigueiros, ouvindo das crianças a confissão inocente de que não sabem ler nem escrever, e desconhecem as côres da nossa bandeira!...

Eis, n'este facto, o valor educativo, a lição de patrimonio civico que as vossas leis teem semeado por esse paiz além...

E assim deixaes crear, na aurora d'uma republica, uma geração de crianças de cerebro apagado e morto, indiferentes a ideias que enobrecem o coração, sem terem junto de si quem os faça interpretar a santa unção d'um abecedario, a santa unção da palavra Patria, olhando com enlevo da alma as côres da nossa bandeira!

Vêde, essas crianças de 7 anos, lírios em botões de sorriso angelico; outras de 10, nebulosas, astrais, que eu vejo viverem dia a dia no desejo de tudo quererem saber; outras mais, de 12, 14 anos, corações pensativos já, a dourarem-se de esperanças, num anseio de borboleta voadora a idealizar o goso d'um sonho todo luz, todo amor...

Perante essas crianças, que censuravel indiferença a d'um Estado, abandonal-as a si proprias, deixando-as viver ao acaso, como tojos desprezíveis e raquíticos, a profundarem cada vez mais este abismo de desorganização social, que torna sombria e triste a terra portuguesa, tão linda e alegre no florir dos seus campos, tão bela e sonhadora no decair do poente, ao toque das Avé-Marias, sempre heroica nas horas de guerra, gloriosa sempre atravez de toda a Historia!...

Clichés do autor.

Antonio Maria Lopes.

FIGURAS e FACTOS



Sr. dr. Luiz Antonio de Andrade

Dr. Luiz Antonio de Andrade.—Publicando o seu retrato, a *Ilustração Portuguesa* presta uma merecida homenagem a um dos portugueses ilustres, que, no estrangeiro, mais tem contribuído para o engrandecimento do bom nome da nossa patria, o sr. dr. Luiz Antonio de Andrade, distinto funcionario superior do Sultanato de Zanzibar, onde, pela sua intelligencia, conquistou um logar de grande consideração e prestígio.



Sr. Teofilo Saguer

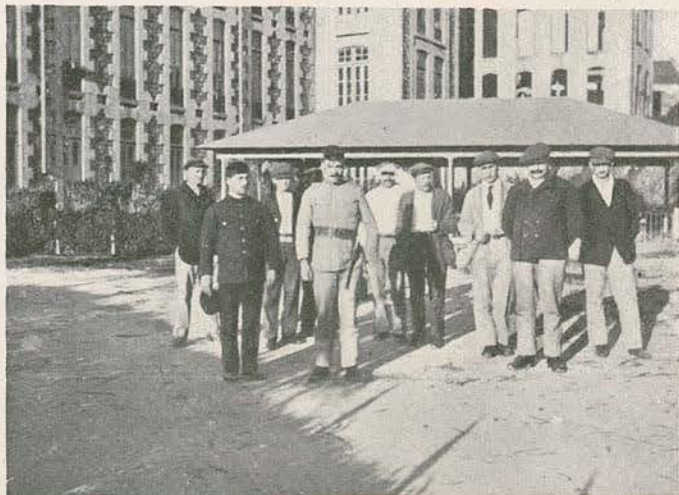
Teofilo Saguer.—O distinto professor de musica, sr. Teofilo Saguer, é um artista de raros meritos que se propõe fazer resurgir a opereta portugueza, baseada nos moldes modernos da estetica musical, o que está despertando um interesse invulgar no nosso meio musical, onde o inspirado compositor ocupa um logar de grande destaque, que o seu muito talento e saber sobejamente justificam.



Grupo de senhoras, distintas alunas da sr.ª D. Palmira Lomelino Pereira, que tomaram parte n'uma festa d'arte no Funchal. Sentadas, da esquerda para a direita, mesdemoiselles Maria da Graça C. A. de Sales Henriques, Belmira de Pontes Leça, Angela Aguiar, a professora sr.ª D. Palmira Lomelino Pereira, mesdemoiselles Maria Isabel Ferreira, Julieta Agrela, Assunção Lino e Isaura Ferreira. De pé, da direita para a esquerda, mesdemoiselles Teresa Novita, Maria Mercê Lino, Josefina Laura Soares, Ana Novita, Carmelita Pinto, Aline Thirsgould, Julia de Pontes Leça e Maria B. Gomes da Silva e o sr. Vicente B. Gomes da Silva.



Menina Maria Eva Reis, em traje moderno.



NO PARQUE DAS CALDAS DA RAINHA.—Um grupo de internados alemães.—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Alfredo Kennedy Falcão, de quem já publicámos um belo trabalho no n.º 625).

Tito Martins

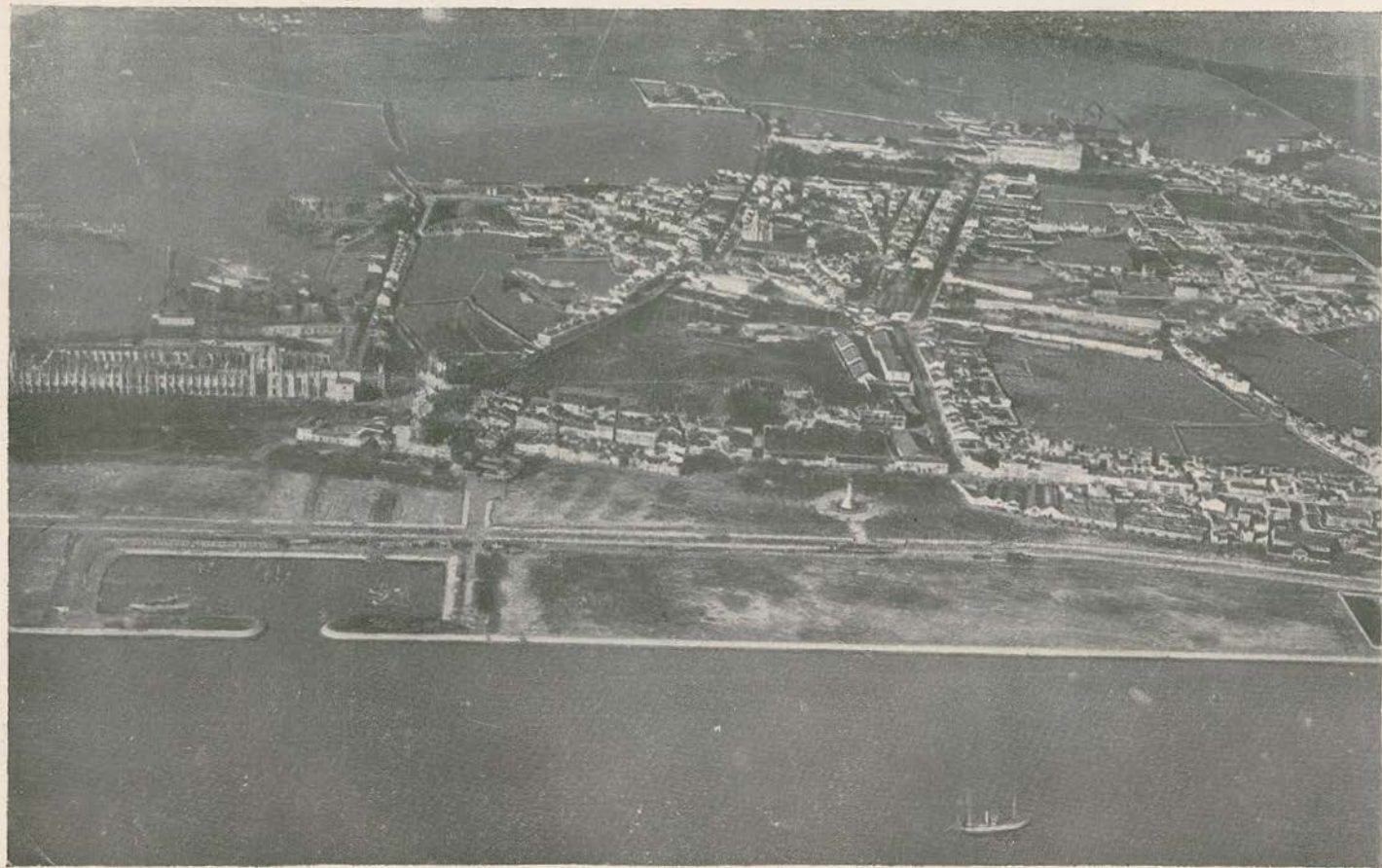
POR UM OCULO



TITO MARTINS, jornalista e homem de teatro, cujos meritos estão de ha muito comprovados, reuniu em volume uma série de contos e cronicas da mais flagrante actualidade, dando-lhe o titulo de *Por um oculo*. . . Foi a guerra com os seus horrores formidaveis, as suas angustias tremendas e os seus heroismos espantosos que inspirou quasi todas as paginas d'este livro encantador, nervosamente escrito, no estilo tão peculiar do illustre literato, e em que se visionam quadros cuja poderosa sugestão o autor nos transmite, mercê do seu talento evocativo e do interesse com que tem acompanhado as peripecias do drama gigantesco que se representa ha quasi quatro anos, tendo por cenario todo o mundo. *Por um oculo*. . . em que se enfeixam paginas que foram escritas para virem primeiramente a lume na imprensa brasileira, é, pois, um livro tão belo como

oportuno. As qualidades do escritor dramatico reúnem-se aqui ás do jornalista que conhece o valor dos factos, a sua significação e o seu alcance, e ainda á fantasia, á elegancia, á arte do cronista que sabe duplicar esse valor e comover e deliciar quem o lê. . . Tito Martins, prosador muito original, cultiva ao mesmo tempo, com uma grande leveza, o humorismo, que fulge nos comentarios ironicos de um ou outro capitulo do volume; e semelhante aspecto não é, evidentemente, dos menos apreciaveis do seu novo trabalho, destinado a um seguro exito literario e de livraria, onde quer que se fale e se leia a opulenta e sonora lingua portugueza.





VISTA DE BELEM TIRADA D'UM AEROPLANO A 150 METROS DE ALTURA

(Cliché do distinto colaborador artístico da Ilustração Portuguesa, sr. dr. Almeida Ribeiro Saratva, illustre tenente-medico, do "Esquadrilho" [inicial d' Aviação]).

Os ultimos ecos do Carnaval



Menina Belisanda America Prazeres (1), vestida de *minhota*, e o menino Valdemiro José Pires Prazeres (2), de *palhaço*, filhos do capitão sr. Bernardo Prazeres.—3. Menino Ernesto Amílcar Mota Branco, filho do sr. Ernesto Branco, de *oficial do exercito*.—4. Menina Ligia dos Santos Amaral, filha do sr. João dos Santos Amaral e da sr.^a D. Elvira Julia Amaral, de *sevilhana*. Foi premiada nos bailes infantis do teatro Nacional e do Coliseu.—5. Menino Horacio Novaes, filho do distinto fotografo sr. Novaes, de *rusita*.—6. Menina Maria do Carmo Leitão da Silveira, que obteve um dos primeiros premios no baile infantil do teatro Nacional, vestida de *dama da Cruz Vermelha*.—7. Menina Maria Madalena Cunha, de *ballarina russa*, que obteve o 1.^o premio no baile infantil do teatro Nacional.—8. Menina Flavia Teixeira, trajando de *minhota*.



9. Grupo de *varinas* que tomou parte na recita carnavalesca, promovida pelo Club de Santarem.—Sentados da esquerda para a direita: srs. Joaquim Mata, Miguel C. Machado, Carlos Anacoreta, Henrique Campos, Ernesto da Silva, Laurentino J. Verissimo e Joaquim Sant'Ana. Em pé: srs. Avala Pinto, Antonio Nobre, Abel Nobre da Veiga, Jaime Aguiar, Helio Guimarães e Silvio Perdigão.—(Clichê do distinto fotografista sr. Carlos Gomes).

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excções e uma d'elas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um Inteligente e habil velho, William Rice. Depois de ter sofrido durante bastantes anos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poude curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as c.asses de hernias com o



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como ele e centenas de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efetua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operaçaõ chirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este Jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acer a d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correlo á direcção indicada

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....
Endereço.....

Vêr na proxima quarta-feira o
Suplemento de Modas & Bortalhos
(DO SEculo)
Preço: 3 centavos

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cancro** (Eptellomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Hienorrhagia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc



Antes



Depois

Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevraigias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)** — Telefone 2.570. LISBOA

RETROZARIA DA MODA

TELEFONE 2962

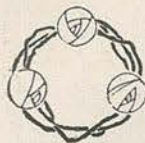
276, RUA DO OURO, 278

Artigos «chics» de sua especialidade. PELES FINAS—BOÁS DE PLUMAGENS. Ultimos modelos parisienses. ARTIGOS PARA BORDAR. — Recomendaveis a todos os colegios.

Preços resumidos.



CASA AVRELA



PERFUMARIA
280-R. 70. OURO-284



Perfumes e veloutines a peso. Produtos de beleza e manucur.

DUARTE & ARAUJO L. DA TELEFONE 79-C GRAMAS DUAROURO

A

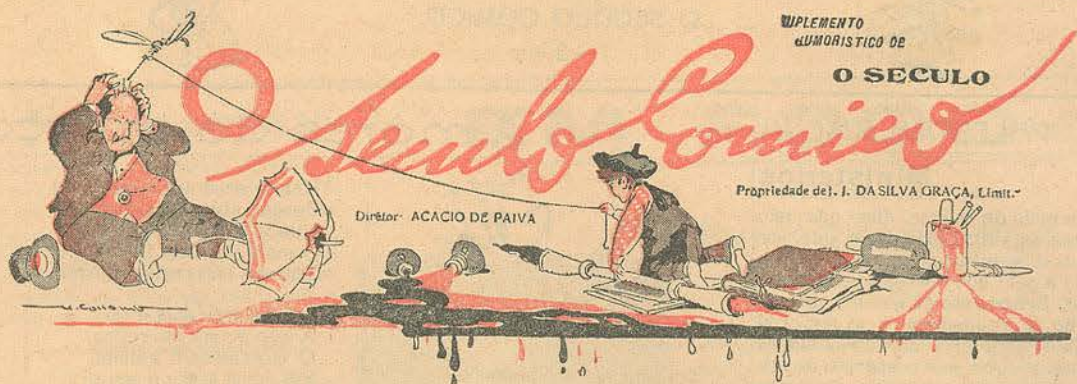
Enterocolite mucog-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

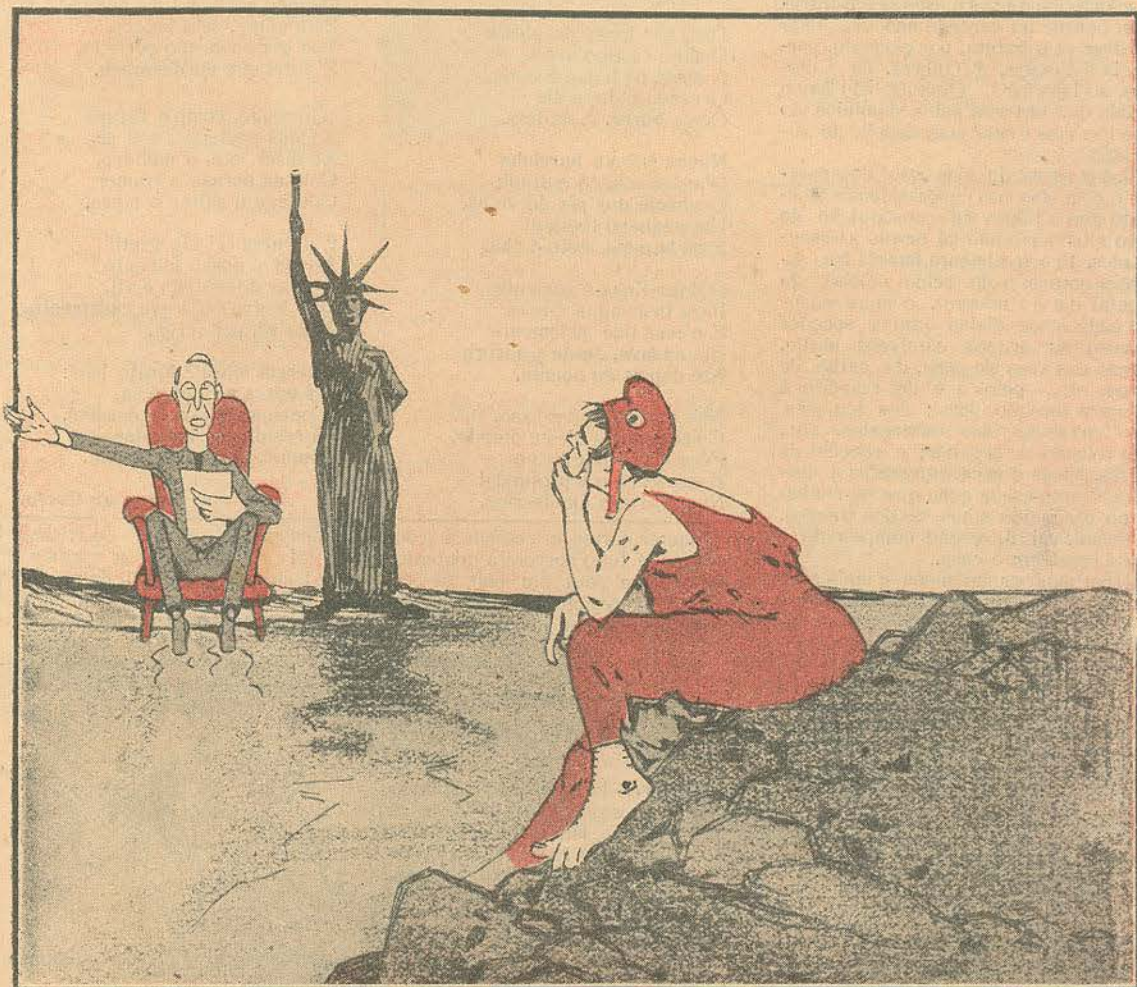
LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Conversa de longe



DE LÁ:

—A vitória do direito... A justiça triunfante... A virtude gloriosa...

DE CÁ:

—Pois sim, mas manda os 50.000 aviões com urgência...



PALESTRA AMENA

Ministerios

Já ha mais de quinze dias que não se criava um ministerio, pelo que andavamos desconfiados de que tinham mudado a pel: aos nossos queridos estadistas. Felizmente as nossas, apreensões não se realizaram e aí temos já na orja o ministerio da Subsistencias Publicas, porque sem o aparato do ministro, secretarios, correios, directores geraes, chefes de reparações, sub-chefes, chefes de secção, 1.ª, 2.ª e 3.ª officias, continuos, etc., etc., não se comprehendia que pudesse resolver-se o problema da paparoça.

Evidentemente as subsistencias publicas não cabiam em qualquer dos ministerios existentes; levantavam-se constantes duvidas, havia até conflitos no estado em que as coisas se encontravam, porque na verdade não era facil resolver-se a batata, por exemplo, pertencia á Justiça, á Guerra, ás Colonias, ao Interior... Com'da, não havia duvida que entrava pelos dominios do Interior: mas crua? mas depois de digerida?

Todas essas duvidas vão desaparecer e com isso nos congratulamos, contanto que o plano da constituição do novo ministerio não dê ensejo a obscuridades. Provavelmente haverá tres direcções geraes: a do reino animal, do vegetal e a do mineral, compreendendo cada uma d'elas tantas secções quantos os grupos comiveis: assim, secção das aves de pena, da carne de porco, etc.,—pelo q e diz respeito á primeira direcção geral; dos legumes, das hortaliças, dos tuberculos, etc., com relação á segunda; e secções de acilias, bases e saes, referentes á terceira. Uma pessoa acha que foi roubada no preço dos alhos, no dos frangos, no do sal, vai á secção competente e aí lhe resolvem o caso.

Repetimos os applausos e mais afirmamos que o ministerio das Subsistencias Publicas vem preencher outra lacuna, a qual é a de ocupar a milésima parte da população, que ainda não era de empregados publicos, como a parte restante. E' certo que os ordenados estarão a par dos dos funcionarios nos atuaes ministerios, isto é, não chegarão para mandar cantar um cego, que, nos tempos que vão correndo, não canta por dez réis de melcoado; mas, emfim, tudo quanto vier é ganho e poupa trabalho de imaginação aos futuros detentores do poder, que de outro modo se veriam a perros para contentar o formigueiro dos seus.

Arrumados d'esse modo os cinco milhões de portuguezes nos gabinetes da Arcada, ter-se-hão evidentemente resolvido todos os problemas que os as oberbam, visto que serão juizes e parte, coisa que o bom senso reprova mas que é extremamente pratico e evita toda a especie de reclamação. O que pode acontecer é o queixoso não pertencer ao ministerio por onde corre o seu negocio, mas como a algum ha-



Era uma vez um jumento
Que se chamava Gerico,
Rameloso, morrinhen o,
Com os joelhos em bico
E em toda a perna chaquento.

Nunca encontrára uma burra
Que lhe prestasse atenção;
Quando elle, zu'ra que zurra,
Fazia a declaração
Ela fugia, casmurra.

Ora, não longe da aldeia
Onde o Gerico vivia,
A coisa de legua e meia,
Orneava noite e dia
Certa burra, nada feia.

Nunca saíra a burrinha
D'um acanhado quintal;
Conhecia uns pés de vinha,
Um pequeno laranjal
E na la mais, coitad'nhal

O dono tinha-a sómente
Para tirar agua á nora
E n'essa lide inclemente
Ela andava, desde a aurora
Até depois do poente.

Não conhecia, por isso,
Coisa alguma d'este mundo,
Fóra d'a'quela c'rtico
E—caso raro e profundo!—
Nunca tivera um d'errico.

de fatalmente pertencer entende-se, com os colegas e tudo correrá a contento, porque não ha para um paiz s'o governar excelentemente como cada um dos seus habitadores governar-se bem.

J. Neutral.

Gréve terrível

Os senhores batoteiros, prestantissima classe, a cuja respeitabilidade todos fazem justiça, não estão satisfeitos com o decreto da regulamentação do jogo: a exclusão em Lisboa e Porto, por exemplo, é, segundo aqueles cavalheiros, a miseria de muitas familias que vivem da honradissima industria de puxar o rabo á sota. E esboça-se no horizonte a ameaça d'uma gréve, o que traz toda a gente aterrorizada...

Efétiva rente, imagine-se por um instante que deixavam de funcionar as casas de jogo: que serie de desgraças se seguiriam a tão lamentavel medida! Os pontos começavam a gastar escandalosamente o seu dinheiro no que lhes fosse necessario e ás suas familias,

Amôres de março

Nem o caso era imprevisito
Porque até esse momento
Nunca a burra tinha visto
O mais pequeno jumento,
Embora não creiam n'isto.

Ora ha tres dias o tal
A que acima me refiro,
O morrinhento animal.
Foi dar á tarde o seu giro
E parou junto ao quintal.

Viu a burra pela grade
E disse lá com a cilha:
—Linda burra, na verdade!
Que orelhas! que maravilha!
Que pêlo! que mocidade!

«Mas não me quer, com certeza!
Quando nei huma me aceita,
Este mimo, esta beleza,
Tão gr'dinha, tão perfeita,
E' fatal que me despreza.

«Comtudo, como o futuro
A Deus pertence, vou vêr...»
Ao dizer isto, o maduro,
Com as pernas a tremer
Conseguiu saltar o muro.

E a burra foi tão gentil
Ao vêr o nosso jumento
Apezar de imundo e vil,
Que houve em breve casamento,
Já se vê, pelo civil.

Querem moral? Muito bem:
A's vezes a relutancia,
N'outros termos, o desdem,
Só resulta da abundancia
D'aquilo que nos convem.

Esopo da Costa.

as noites passar-se-hiam — ó tristeza! — em divrsões uteis ou agradavelmente honestas, o numero de suicidios diminuiria vergonhosamente, a estatística dos roubos acusaria uma diminuição lamentavel, etc.

Mal comparado seria como se as meninas desinfeizes se puzessem em gréve, ou os funcionarios do mosco, os



vitrinarios e outras classes igualmente conspicuas.

O nosso valimento perante o sr. dr. Sidonio Paes não é de longa data; comtudo esperamos que s. ex.ª nos ouvirá, no sentido de promover a modificação do decreto de maneira que mesmo em Lisboa possamos saltar na dama, sem pericarmos de apanhar uma estopada até ao Estoril ou Cascaes.



Amor de perdição

Não sabemos se quando dermos á luz o numero do *Século Cômico* que o leitor está vendo já terá sido resolvida a seria contenda entre o teatro Nacional e o Republicano, sobre o *Amor de perdição*. E, na verdade, o que ha-de vir a perder os dois teatros: o amor que tem um pelo outro.

A toda a parte

O sr. dr. Sidonio Paes deve estar a esta hora arrependidissimo de se ter deslocado de Lisboa tantas vezes e para tantas cidades. Vai por esse paiz fora uma inveja diabolica, mal atenuada pelos bilhetes postaes que sua ex.^a tem mandado distribuir com a sua effigie nos momentos pacificos.

Não chegariam as descomunaes dimensões do *Século Cômico* para inserir toda a correspondencia que temos recebido a esse respeito. Publicamos o mais que nos é possível e por aí verá o leitor o estado de indiscutivel anciedade em que o paiz se encontra...

«Freixo-de-sabre-ao-hombro. Este importantissimo centro industrial ainda até esta data não recebeu a visita do sr. dr. Sidonio Paes. Será possível que assim se vote ao desprezo uma aldeia que, digamos com orgulho, tem uma enorme fabrica de dedeiras de luvas para golpes no dedo meiminho, com 37 operarios de ambos os sexos?»

«Sarrilhos do Meio — Em vão temos esperado que o chefe do governo honre com a sua presença esta notabilissima freguezia, tão agricola quanto religiosa. A ultima colheita foi de 19 alqueires de milho e 18 de trigo. Que mais é preciso para que sua ex.^a se digne vir até cá? Tifo exantematico ainda não temos, mas podemos assegurar que piolhos não faltam...»

«Chão de Melancias — As crianças recém-nascidas chamavam pelos paes desesperadamente: a principio supunha-se que se referiam ao progenitor, mas averiguou se que o que pe-



dem é Paes. Pois não merecerá Chão de Melancias, onde a instrução está adeantadissima (temos uma escola primaria com 6 alunos) estancia comercial de 1.^a ordem (quatro tabernas e um mercado mensal de tremçoços) que sua ex.^a venha aqui receber a nossa

EM FOCO



Nuno Alvares Pereira

*Ha questões, ao que vejo, e até partidos
Sôbre quem seja o vero descendente
De Nuno, o condestavel, o valente
Agora um montão de ossos carcomidos.*

*Não digo em todos, mas n'alguns sentidos
Sou eu, sois vós, são eles; toda a gente
Que viu a luz na terra do Ocidente
De mais amor em seus jardins floridos.*

*Foi guerreiro, invencivel na peleja,
E recolheu, passada a mocidade
Ao repouso claustral da Santa Igreja;*

*Pois bem: o portuguez da atualidade
Grande guerreiro não direi que seja
Mas continua a ser um belo fradel!*

BELMIRO.

Aí, valentes!

Os turcos comunicam que a sua cavalaria entrou em Balbut, na Armenia, batendo os russos.

Como se sabe, é realmente d'uma grande dificuldade batê-los atualmente. Aqueles turcos sempre apanham cada turca!

Novidade em grèves

Contam os jornaes hespanhoes que os telegrafistas do seu paiz tem estado em grève «passiva», o que, sem duvida, constitue uma novidade.

— Que será? perguntará o leitor.

Sabemos lá! Os homens continuam a tranmitir telegramas, a recebe-los, a entrega los, etc., e entretanto estão em grève. Emfim, como o caso se passou em Hespanha é claro que se trata de coisa tesissima e que não vae mais longe apenas para não impedir a circulação telegrafica...

O Marques poliglota

O Marques lê á esposa os telegramas da guerra:

— «Paris, 23. Receberam-se confirmações dizendo que os alemães marcharam contra Pskoff».

A esposa:

— Que é isso de Pskoff, ó Marques?

Este, superior:

— E' uma cidade russa onde se pesca. E' como quem diz *Peskoff*.

— E porque se suprime o e?

— Porque os jornaes estão economizando o papel o mais que podem...

Depois da viagem

Dialogo suprendido n'um telefone.

— Está lá

— Estou. Quem fala?

— Do Ministerio das Colonias. Que deseia?

— Avise as provincias ultramarinas da proxima viagem presidencial.

— Ah! sua excelencia vae ás colonias?

— Pudera! Queria que ficasse sendo apenas senhor de Portugal e dos Algarves? Faltam ainda além-mar, Etiopia, navegação, etc., etc.

Livros, Livrinhos e Livrecos

O ultimo beijo, poema dramatico em 2 atos, por Afonso Simões — Versos bem feitos e assunto levantado: um pai tem um filho estroina e um nadinha agatunado. Põe-n'ô fóra de casa. O rapaz vai para a guerra, morre ali gloriosamente e o pai, com a noticia, morre tambem, abençoando-o. Gos ámos, mas se se representasse não iri mos ao teatro, porque é muito triste — palavra d'honra!

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

17.^a Parte7.^o Episódio

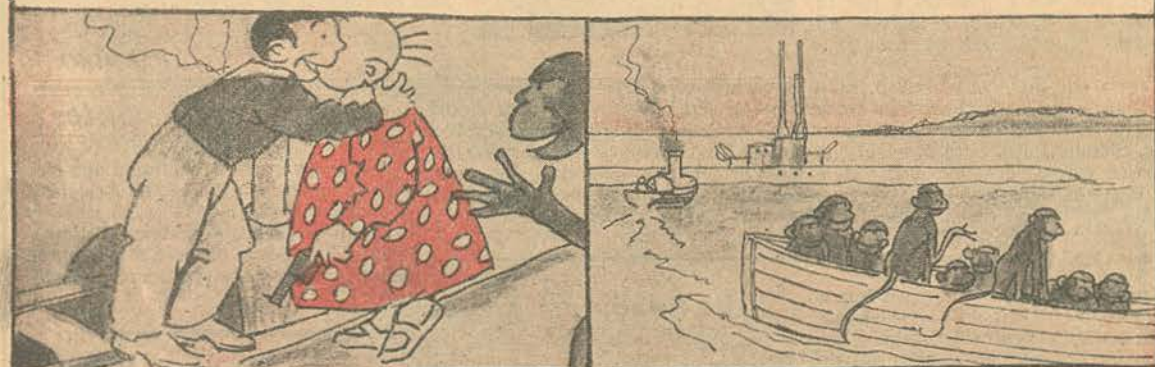
O QUIM E O MANECAS

(Continuação)



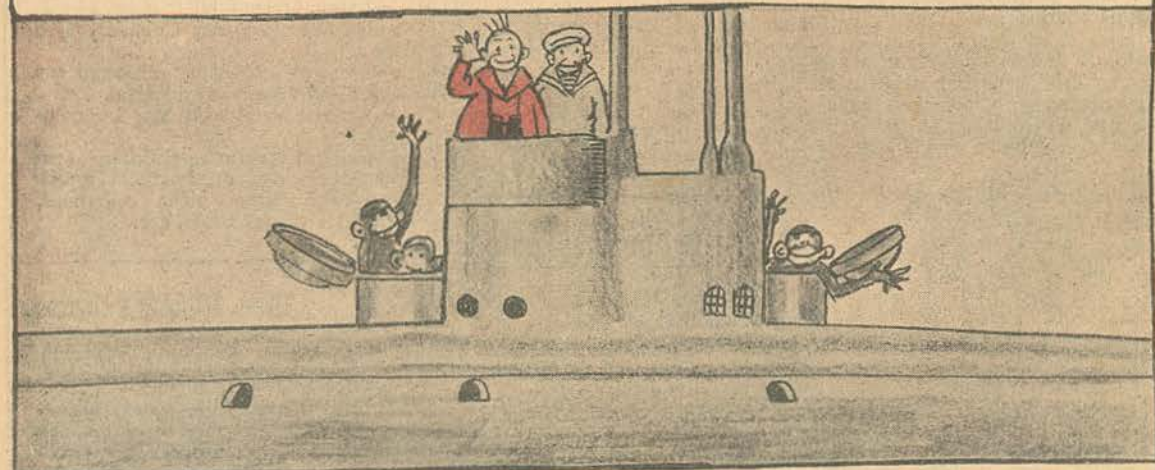
1.—O efeito das belas quadrumanicez foi surpreendente. A praia ficou juncada de cadáveres de alemães completamente mortos.

2.—Empunhando o seu revólver de 1273 tiros, Manecas intima o maquinista do escalor a entregar-se.



3.—E o maquinista entrega-se com mil vontades porque é nem mais nem menos do que o proprio Quim!

4.—Em seguida Manecas embarca com todos os seus subditos



5.—e encaminha-se para o alto-mar, orde, a bordo do submarino ex-alemão, a macacaria se entrega a manifestações ruidosas, como até hoje só teem sido feitas ao sr. dr. Sidonio Paes.

(Continua).